



FOTO: CAROLINA MARIALVA

Mercado de livros dá sinais de saturação



FOTO: JULIANA LAZARINI

Sérgio Valle, diretor da editora Komed, diante de pilhas de livros que aguardam distribuição

A proliferação da vontade de publicar tem extrapolado a capacidade de atendimento nas editoras comerciais de Campinas, que revelam dificuldade com a distribuição e enxergam um mercado saturado. A cidade conta atualmente com 61 editoras, que chegam a publicar até 15 obras por mês. No Brasil, entre obras lançadas e relançadas, o volume chega a 51 mil títulos ao ano, com um total de 340 milhões de exemplares. Boa parte destas publicações visa satisfazer a vaidade de seus autores.

Página 5

Cinema com jogo de cintura

FOTO: CAMILA DALLA COSTA



Na rotina dos produtores de cinema da região de Campinas, a paixão pela sétima arte divide espaço com os compromissos profissionais. Os independentes apostam no improviso e na colaboração dos amigos para driblar a falta de recursos, como ocorre nas gravações (foto acima) de "Evaporar", de Anderson Antunes e Igor Capelatto, em Barão Geraldo.

Página 8

Projeto põe em risco direitos trabalhistas

Projeto de emenda constitucional que aguarda sanção do Senado pode regularizar a criação de empresas individuais e colocar em risco o histórico de conquistas trabalhistas no Brasil. Especialistas temem que a proposta intensifique a precarização das relações de trabalho.

Página 3

Notas

LÍLIAN ALMEIDA

Dulce lança livro sobre mulheres no exterior

A professora das faculdades de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda Dulce Adorno lançará o livro "Gênero, trabalho e mídia", no dia 21 de maio, às 19h30 na Livraria Cultura, do Shopping Iguatemi. O livro tem artigos de várias autoras. Dulce escreveu o artigo "Olhos sobre a mulher", que é uma análise da mulher vista pelo escritor Gil Vicente e outros grandes autores, como José de Alencar.

Mostra de cinema em maio, no Campus II

A Coordenadoria Geral de Atenção à Comunidade Interna (Caci) realiza, neste mês de maio, a 9ª Mostra de Cinema InterArte - 2010. Sete filmes serão exibidos no auditório embaixo da biblioteca, do Campus II. A entrada é grátis e a sala tem capacidade para 120 pessoas.

Jucação prepara clima para disputas em junho

A Atlético de Comunicação organizou, na semana de 12 a 16 de abril, uma mobilização para os alunos do CLC (Centro de Língua e Comunicação) participarem do JUCA de 2010, através de cartazes e vídeos do evento nos anos anteriores (foto).

Os Jogos Universitários de Comunicação (JUCA) acontecerão entre os dias 3 e 6 de Junho, ainda sem definição de localidade. As inscrições foram feitas entre os dias 12 e 16 de abril no prédio H05 do Campus I. Em 2008, cerca de 450 alunos participaram, número que subiu para 780 competidores no ano passado. Neste ano, a Atlético espera mais de 900

FOTOS: LÍLIAN ALMEIDA



alunos participando das competições. Batucadas estão sendo realizadas no prédio H05 para chamar a atenção dos alunos.

Vacinação contra gripe A na PUC-Campinas

Entre os dias 13 e 14 de abril, no Campus I, pessoas com idades entre 20 e 29 anos tomaram vacina contra a gripe A (H1N1), no Ambulatório do Serviço de Saúde da Praça de Alimentação. No dia 15 de abril, foi no Campus Central, e do dia 20 a 22 de abril, no Campus II.

"Desvanecer" segue em exposição no Campus-I



Desde o começo de abril, a exposição "Desvanecer", do artista plástico Ivan Grilo, está aberta para visitação no prédio H07 do Campus I da PUC-Campinas, composta por quadros de vidro. Em forma de retângulo, para serem observados de lado, os quadros em certos momentos parecem estar retos dependendo de onde está o observador. Em volta dos quadros, tem papel cartolina azul marinho para potencializar o efeito.

CARTA AO LEITOR

No universo da escrita

DÉBORA BARDUCHI

Em um mundo habitado por imagens, onde a televisão é a principal fonte de informação e entretenimento para a maioria dos brasileiros, era de se pensar que a Língua Portuguesa andasse em baixa. Mas é bem o oposto disso que o leitor descobrirá após a leitura de três das reportagens que publicamos nesta edição do Saiba+, o jornal-laboratório produzido pelos alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.

Você sabia, por exemplo, que a cada ano 51 mil novos títulos de livros são lançados no Brasil? O número já é impressionante, mas se formos pensar no regional ele ganha mais significação. Um exemplo é a cidade de Campinas, onde apenas uma de suas editoras chega a publicar um novo livro a cada três dias.

Falando em livros e palavras escritas, ainda nesta edição há uma reportagem que debate a dificuldade da pro-

dução de dicionários, que a cada ano ganham dezenas de novas expressões, fruto do desenvolvimento tecnológico e de novos saberes incorporados ao nosso cotidiano. Antigamente, por exemplo, rede era coisa de pescador e sítio era apenas um local onde se cultivavam nossos alimentos. A internet mudou tudo isso.

Prosseguindo nesta tendência de valorização da língua escrita, trazemos ainda uma entrevista com pesquisador Sílvio Meira, concedida no espaço CPFL, onde foi gravada mais uma edição do Café Filosófico. Meira é especialista em internet e redes sociais e está a nos falar da organização do mundo a partir da rede de computadores, que multiplicou por zilhões os "bilhetes" e "cartas" que enviamos aos nossos interlocutores.

Por essas e por outras é que convidamos você a mergulhar no universo de nossas palavras escritas. A todos, uma boa leitura.

CRÔNICA

Rei posto

NARA L. A. DIAS

Domingo de semifinal. A cidade inteira respira o jogo das quatro horas. O coração da baixada já pulsa – a Vila está lotada.

Lá dentro, entre cada grito de guerra vêem-se as expressões angustiadas daqueles que não suportariam parar ali. Não interessa que o Santos tenha chegado quase invicto! O adversário é um dos quatro gigantes paulistas e tudo pode acontecer. É muita pressão para os meninos da Vila. São gênios, sim! Mas são meninos.

Quando o juiz apita o início do jogo, não se enxerga mais nada nas numeradas. Naquele lugarzinho apertado, que só enfrenta quem ama muito o jogo, o primeiro que pula cobre a visão de todo o resto.

- Senta aí, pô! – grita um senhor, até ali relativamente calmo.

- O que está acontecendo?!

- Caraca! O Paulo Henrique fez aquilo mesmo, ou eu que vi mal?

- Senta!

Está difícil ver o campo, mas todos sentem que algo realmente especial acontece. Os mais apaixonados quase não conseguem manter os olhos abertos! Apenas seguem a empolgação da Torcida Jovem e rezam. Sabem que o

time pode perder de 1, mas já estão desacostumados com a matemática. Quem show!

E, no decorrer da partida, o gigante São Paulo deixa espaço para o time das goleadas. O time dos 9 a 1 e 6 a 3. Só que o gol não sai, e o primeiro tempo termina empatado...

Começa o segundo tempo! O jogo muda de lado e agora as numeradas conseguem ver. As batidas de coração se intercalam com o uuuuuuuu, do gol que devia ter sido, mas não foi.

Até que o suspiro vira um grito! E o jogo vira festa, com direito à dança de comemoração de Neymar, Robinho e PH.

No pênalti, muita gente nem grita. Apenas ri e se diverte. E o terceiro gol vem de forma já bastante natural.

Com a mesma naturalidade o resto de tempo vai embora, e, de repente, o juiz segura a bola e aponta o meio de campo. Nesta hora, todos tentam pensar na mesma coisa: "Ainda falta o Santo André". Mas nem que o Santos não fosse campeão, já o seria. Os meninos da Vila chegaram lá.

Na saída, em meio à festa de rua, um garotinho, muito novo para ter qualquer memória, depara-se com a estátua de bronze do Pelé e grita deslumbrado ao homem que segura sua mão:

- Pai! Olha a estátua do Robinho!!

FRASES DA EDIÇÃO 59

"[o consumidor] vai aceitando qualquer porcariaria que aparece". (Do físico Cerqueira Leite, sobre a má qualidade das cervejas brasileiras)

"Eles são nossos primeiros mestres". (Do estudante de Medicina Matheus Ribeiro, a respeito dos cadáveres usados no curso de Anatomia)

SAIBA+ (GRATUITO) NAS BANCAS

Panetteria Di Capri: R. Maria Teresa Dias da Silva, 530; Banca do Ademir: Praça 30 de dezembro (B. Geraldo); Banca do Português: Próx. Varejão Oba (B. Geraldo); Banca Barão: Av. Albino J.B.Oliveira, 1.480 (ao lado City Bank); Banca Central: Av. Santa Isabel, 20; Padaria Alemã: Av. Dr. Romeu Tórtima, 285; Banca Rio das Pedras: R. Maria T. Dias da Silva s/n; Banca do Mineiro: R. Benedito Alves Aranha, 201; (ao lado da Matriz de Santa Isabel); Banca Frutaria: R. Maria T. Dias da Silva, 790; Banca do Alemão: R. General Osório esq. c/ Francisco Glicério; Banca da Bia: R. Dr. Thomas Alves; Banca da Mara: Av. Francisco Glicério (em frente ao Correio e Telégrafos); Banca do Léio: Av. Dr. Romeu Tórtima, 283; Banca Riviera: Av. Cel. Silva Telles, 37; Banca Lagoa: Av. Heitor Penteado, Portão 1; 100% Vídeo Cidade Universitária; Banca do Guarã: Banca Rosário: Largo do Rosário; Café Regina: R. Barão de Jaguará, 1.032; Banca Cidade Universitária: R. Ruberley Boareto da Silva, 1015. **Em Itatiba:** Banca Palu: Av. Vinte e Nove de Abril, 80.

Saiba+

Jornal laboratório produzido por alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Centro de Língua e Comunicação (CLC): Diretor: Pof. Dr. Rogério E. R. Bazi; Vice-Diretora: Profa. Maura Padula; Diretor da Faculdade: Prof. Lindolfo Alexandre de Souza. Tiragem: 2.000. Impressão: RAC.

Editor-chefe e Professor Resp.: Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti (MTb 17.463)

Capa: Daniel Serrano

Endereço: CLC - Campus I - Rod. D. Pedro, Km 136 Cep: 13086-900

E-mail: saibamaiscampinas@gmail.com

Projeto ameaça direitos trabalhistas

Sem alarde nos meios de comunicação, proposta de emenda constitucional passa na Câmara Federal, facilitando a perda de conquistas históricas do movimento sindical

ANA PAULA PALAZI

“Eu quero imaginar que esse projeto de lei foi bem intencionado, mas o que vejo é exatamente a fraude”. A análise, curta e grossa, é do advogado trabalhista José Antônio Cremasco, em entrevista ao Saiba+, a respeito do projeto de emenda constitucional nº 4.560/2009, apresentado pelo deputado federal Marcos Montes (DEM-MG), recentemente aprovado na Câmara dos Deputados, que segue agora para o Senado Federal. Se sancionado, o dispositivo acrescentará ao Código Civil o artigo 985A possibilitando a criação de empresas individuais de responsabilidade limitada.

Segundo Cremasco, projetos como o do deputado Montes só agravam uma situação que vem se instalando no país desde os anos 90: a precarização das relações de trabalho. “Para mim, esse projeto vem no vácuo de uma situação oportunista que quer facilidades para mascarar as relações de emprego e vai acabar desembocando em fraudes como hoje acontece com as cooperativas”.

O projeto prevê a possibilidade de abertura das chamadas sociedades unipessoais por parte de prestadores de serviço de natureza científica, literária, jornalística, artística, cultural ou desportiva. Até então, eram necessários no mínimo dois sócios para dar origem a uma empresa desta natureza, uma dificuldade que não impediu, no entanto, o avanço da figura do “PJ” (pessoas jurídicas) atuando, por exemplo, como repórteres em empresas jornalísticas. Esta figura jurídica desobriga os empregadores a pagar férias remuneradas, décimo terceiro salário e FGTS aos seus “prestadores de serviço”, disfarçando vínculos profissionais e reduzindo ganhos dos trabalhadores.

Para uma das diretoras do Sindicato dos auditores fiscais da Receita Federal de Campinas (Sindifisco), Mariane Botelho, a medida, se aprovada, deverá abarcar centenas de profissões. “O projeto vem com a intenção aparente de flexibilizar as relações de trabalho, mas o resultado será desregularizar direitos trabalhistas conquistados ao longo de muitas lutas”, adverte.

“DIREITOS DE ASSALARIADOS FICAM PARA TRÁS”

De acordo com a legislação atual, o vínculo empregatício existe sempre que o trabalha-



O advogado Cremasco, em seu escritório: “Já existem empresas pressionando os trabalhadores a se demitirem”

dor se submete a um chefe e cumpre jornada fixa mediante o pagamento de salário. Nesses casos, a contratação deve ser feita por meio do registro em carteira, assegurando-se ao empregado a proteção de direitos contidos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), panorama que tende a mudar com a aprovação da emenda.

“É lógico que o objetivo da legislação proposta é facilitar a vida das empresas e reduzir os custos da mão-de-obra”, avalia o economista e professor da PUC-Campinas Cândido Ferreira. No país, segundo estima o docente, esse gasto chega a 63% sobre o valor do salário, dos quais metade refere-se a encargos previdenciários.

Segundo o advogado Cremasco, já existem empresas que pressionam seus trabalhadores a se demitirem para, dessa forma, não pagarem os direitos previstos no contrato de trabalho, propondo a eles que sejam “readmitidos” enquanto prestadores de serviço. Ao se enquadrar como pessoa jurídica – condição que, no movimento sindical, vem sendo chamada de “pejotização das empresas”, o profissional deixa para trás os direitos de assalariado com medo de ficar desempregado. “É aceitar ou não aceitar. Em não aceitando, estará desempregado”, completa.

“REGULAMENTAR O QUE HOJE É FRAUDE”

Além de favorecer os empresários, o projeto vem para regularizar uma prática já existente e, até então, fraudulenta,

por inexistir no ordenamento jurídico brasileiro. De um modo geral, esse “empreendedor de pequeno porte”, para criar uma sociedade limitada, acaba associando-se a familiares, embora mantenha para si a maior parte da empresa e a exclusividade na tomada de decisões.

“PARA EMPRESAS, VANTAJOSO É TERCEIRIZAR”

Para a diretora regional do Sindicato dos Jornalistas, Márcia Quintanilha, a única diferença entre o projeto do deputado Marcos Montes e os problemas de “pejotização” será a facilidade de um indivíduo assumir o papel de único proprietário sem precisar recorrer a falsos sócios. Segundo ela, “é uma ilusão” o trabalhador achar que, ao se tornar pessoa jurídica, aumentará seus ganhos.

Para as empresas, o mais vantajoso é contratar prestadores de serviço, que emitirão notas fiscais, como pondera o professor Cândido Ferreira: “O ano da pessoa jurídica é de doze meses, enquanto que o da pessoa física chega a quatorze, se levarmos em consideração o 13º salário, as férias proporcionais e o fundo de garantia”.

De acordo com o economista, essa involução da lei trabalhista está intimamente ligada à fragilização do movimento sindical e ao enfraquecimento das negociações coletivas. “Hoje é preciso brigar na justiça para que os direitos dos trabalhadores, presentes na CLT, sejam respeitados”, comenta.

‘Pejotizar’ é risco para Previdência Pública, diz dirigente sindical

A Previdência Social, responsável pela arrecadação de contribuições e concessão de benefícios a segurados e dependentes, será atingida se a proposta de emenda for sancionada. Primeiramente porque, ao se “pejotizar”, o indivíduo deixa de recolher os tributos sobre a folha de salário, visto que não é mais contratado como empregado. Ao optar por recolher como contribuinte individual por meio da Guia de Previdência Social, o valor pago tende a ser o mínimo do pró-labore, “porque tem gente que não acredita em aposentadoria”, afirma a sindicalista Márcia Quintanilha.

Em outros casos, haverá a migração para a previdência privada, o que, segundo o professor Cândido Ferreira, equivale a “procurar solu-

ções individuais para problemas coletivos”. Segundo ele, quem realmente ampara o trabalhador nas questões previdenciárias é o INSS. “Diferentemente de um banco, o governo não fecha quando quebra”, lembra o docente.

A proposta de emenda tende a se beneficiar, para ser aprovada, com o desgaste sofrido pela previdência pública no Brasil, em função de notícias de rombos e demora no atendimento e concessão de benefícios. “Com isso, fica a imagem de que a Previdência deve ser privatizada”, reconhece a sindicalista Mariane Botelho ao afirmar que boa parte do déficit do setor se deve a recursos retirados para cobrir rombos orçamentários do Governo Federal.

Para relator, não há precarização

O relator na Comissão de Desenvolvimento Econômico, Industrial e Comércio da Câmara Federal, o deputado campineiro Guilherme Campos (DEM-SP), disse que a emenda proposta é de interesse das pessoas que trabalham na informalidade e que procuram uma chance de regularizar sua prestação de serviço. Para ele, não existe relação entre criar empresa individual e precarizar as relações de trabalho.

“A emenda facilita a vida

das pessoas que desejam montar sua própria empresa, sem necessitar emprestar o nome de alguém”, diz.

Em relação a possíveis fraudes nos contratos de trabalho, Campos disse que, se existir falcatura na relação entre empresa e empregado, o problema deverá ser investigado pelos órgãos competentes, como o Ministério do Trabalho. “Eles foram criados justamente para fiscalizar as relações de emprego”, completa.

FOTO: ANA PAULA PALAZI

No eterno embate com as palavras

Os desafios da lexicografia no século XXI, 100 anos após o nascimento do autor do dicionário mais utilizado no Brasil

MARIANA BOTTAN

"Lutar com palavras é a luta mais vã, entanto lutamos mal rompe a manhã". Assim definiu Aurélio Buarque de Holanda Ferreira a essência da atividade que o consagrou, a lexicografia, ou a arte de produzir dicionários, em sua última entrevista à imprensa, em 1988. O literato, que completaria 100 anos em 2 de maio, virou sinônimo de dicionário e consolidou a lexicografia nacional ao publicar "O Novo Dicionário da Língua Portuguesa", há 35 anos.

Aqueles encarregados de conceber a obra interminável e sempre imperfeita, como refletiu o próprio Aurélio, estão sempre diante de uma desafiadora responsabilidade: a contínua atualização. Isso porque o léxico, ou seja, o conjunto de palavras que constituem uma língua, se modifica muito rapidamente, o que traz à atividade encarregada de normatizá-lo um eterno embate.

O linguista José Horta Nunes, pesquisador da Universidade Estadual Paulista (Unesp) especializado na análise de dicionários, explica: "O lexicógrafo deve estar sempre atento às transformações na sociedade e ao consequente aparecimento de novos discursos. Isso para que ele possa identificar as novas palavras e as transformações de significação".

É justamente para tentar contemplar a diversidade e a magnitude linguística, que existem tantos tipos diferentes de dicionários, que vão desde os mais comuns, como os de definições gerais, aos de especialidades, voltados a um segmento específico de público. O profissional que escolhe, organiza e concebe os significados das palavras "contempladas", com base no tipo de projeto e no objetivo que se tem em vista, é o lexicógrafo.

Os prefácios dos dicionários permitem conhecer o objetivo do lexicógrafo e o tipo de projeto idealizado, que funciona como uma linha guia para o processo de seleção das palavras. O Dicionário Aurélio, por exemplo, concebido para ser um dicionário da "língua viva", ou seja, com os termos mais usuais do português falado no Brasil, apresentou em sua primeira edição cerca de 111 mil verbetes; já na quarta, lançada 34 anos depois, continha mais de 435 mil.

Segundo Horta Nunes, alguns das maiores entraves da área referem-se ao número limitado de projetos e à dificuldade em se criar e manter equipes lexicográficas, assim como dar continuidade às obras já existentes.



LÉXICOS PARA TODOS OS GOSTOS

DICIONÁRIO	AUTOR E EDITORA	ONDE ENCONTRAR
"Verbetes para um dicionário do carnaval brasileiro"	Alcides Nicéas (Fundação Ubaldino do Amaral)	Biblioteca da PUC-Campinas
"Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos"	R. Magalhães Júnior (Documentário)	Biblioteca da PUC-Campinas
"Dicionário de Rimas"	Visconde de Castelões (Editorial Domingos Barreira)	Biblioteca da PUC-Campinas
"Dicionário de dificuldades da língua portuguesa"	Domingos Paschoal Cegalla (Nova Fronteira)	Biblioteca da PUC-Campinas
"Dicionário brasileiro de insultos"	Altair J. Aranha (Ateliê Editorial)	Livrarias e mercado online
"Dicionário Ilustrado das Religiões"	Georg Schwikart (Santuário)	grátis em www.ebah.com.br
"Mini Dicionário de Matemática Elementar"	Sonia Toffoli e Ulysses Sodré	grátis em www.ebah.com.br

"Some-se a isso uma limitada atuação do Estado e de instituições como a Academia Brasileira de Letras e as universidades na promoção de projetos de dicionário", salienta Horta Nunes, autor do livro "Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX".

A globalização e a internacionalização das relações econômicas trazem um antigo desafio: o de traçar os limites entre o que é nacional e estrangeiro na língua. Mas no contexto atual, a questão que se coloca aos lexicógrafos não é mais a de interditar ou não as palavras estrangeiras, como ocorria em meados do século passado, mas trazer condições para a descrição dessas palavras e buscar formas de legitimá-las

no interior dos dicionários.

Outra grande dificuldade refere-se ao lugar de certo modo marginal que a lexicografia ocupa no interior da linguística moderna, uma vez que o dicionário sempre foi visto como um objeto normativo e, portanto, não científico.

Mais recentemente, o papel do dicionário tem sido reavaliado nos estudos de História das Idéias Linguísticas. Decorre disso uma visão mais ampla das "ciências da linguagem", como explica Horta Nunes.

A partir desta concepção, é possível entender os instrumentos linguísticos, como os dicionários e a gramática, enquanto extensões da relação do falante com a sua língua. Eduardo Guimarães, um dos

coordenadores do projeto "História das Idéias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e a Constituição da Língua Nacional", da Unicamp, explica que, na medida em que se produz conhecimento sobre uma determinada língua, o modo como ela funciona também é afetado.

"A língua é muito mais ampla e flexível do que aquilo que está no dicionário. No entanto ela é entendida como se o fosse, pois quando uma pessoa tem dúvida, a primeira coisa que faz é recorrer ao dicionário, ou a uma gramática. Entendemos que se não houvesse esses instrumentos metalinguísticos, a língua se modificaria diferentemente".

Profissionalização do lexicógrafo só ocorreu em 1960

As mudanças no modo de considerar uma língua em relação a outras também afetam a construção dos dicionários. A produção de conhecimento sobre a Língua Portuguesa usada no Brasil, na forma de uma gramática e uma lexicografia no século XIX, fez parte de todo um processo de construção da nacionalidade brasileira.

Como relaciona o linguista Eduardo Guimarães, observando-se a história da língua e suas transformações ao longo do tempo, é possível entender a história de uma determinada sociedade.

"Até o século XIX, a língua brasileira era considerada complementar à Língua Portuguesa. Foi somente a partir de 1938, com a publicação do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, que se teve o dicionário como instrumento de referência da língua nacional", afirma.

No Brasil, como relata o pesquisador da Unesp José Horta Nunes, muitos dicionários foram feitos desde o século XIX por não-especialistas, por professores, humanistas, amantes das Letras ou ainda por engenheiros, juristas, leigos e até por presidentes da República (Jânio Quadros, por exemplo, foi autor de um dicionário geral). Foi somente no século XX, com o aparecimento das universidades, e sobretudo a partir dos anos 60, com os primeiros cursos de pós-graduação, que houve a profissionalização do lexicógrafo.

"Foi com dicionários como o "Melhoramentos", organizado por Antônio Prado e Silva, em 1962, e o "Aurélio", organizado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 1975, que os grandes dicionários brasileiros se estabilizaram definitivamente e passaram a ser mais utilizados que os dicionários portugueses", exemplifica Horta Nunes.

Mesmo depois de 30 anos do período de consolidação da lexicografia nacional, Horta Nunes afirma que ainda se faz sentir um reconhecimento mais explícito da especificidade linguística do Brasil, o que muitas vezes abre espaço para que os leitores não se identifiquem com a língua dicionarizada.

Editora vê saturação no mercado

Autoajuda, histórias familiares e biografias são propostos diariamente como temas de publicações às editoras de Campinas

JULIANA LAZARINI

A cada três dias, a Komedí, uma das 61 editoras instaladas em Campinas, coloca um novo livro na praça, que vai se somar aos cerca de 51 mil títulos anualmente lançados ou relançados no mercado editorial brasileiro, segundo dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), que estima em 340 milhões o número de exemplares produzidos ao ano no país. Os números dão uma idéia do grau de concorrência que domina o setor, ao qual muitos autores recorrem apenas para satisfazer um gosto pessoal, eternizar o sobrenome da família ou se encaixar na receita de felicidade que pressupõe, como missão na vida, ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro.

“O mercado local já está saturado de novas publicações”, avalia o diretor da editora campineira Komedí, Sérgio Vale. Segundo ele, as obras que chegam ao mercado são geralmente livros de poesia, de autoajuda, os voltados aos interesses empresariais, os científicos, os infantis e os de ficção. As pessoas que por lá passam propondo novos lançamentos são, geralmente, jornalistas aficionados por literatura ou iniciantes, que querem prestar uma homenagem à própria família em formato de livro.

Segundo Sérgio Vale, a grande quantidade de publicações que chegam às editoras é reflexo das facilidades que este mercado passou a oferecer nos últimos anos, com o avanço da tecnologia, que permitiu uma redução dos custos de produção. Na Komedí, por exemplo, são oferecidos serviços de editoração, que incluem edição e revisão, sobrando ao autor o papel de contratante dos serviços. No mercado de Campinas, a base de preço de um livro com 116 páginas e tiragem de mil exemplares sai em média R\$ 7,5 mil.

Autor do livro de poesias “A Carroça”, Zito Fabrin dedicou esforço e investiu dinheiro para conseguir publicar seu livro em 2008. Aos 78 anos de idade, seu Zito já não lembra quanto pagou para publicar sua obra, mas explica que teve ajuda financeira de amigos e familiares. Nele, ao longo de 159 páginas, o autor apresenta 94 poemas que contam sua trajetória de vida. Por falta de oportunidade, não vendeu seus livros, apenas os distribuiu entre pessoas próximas e realizou seu sonho.

“O autor pode optar por dois tipos de editoras, as convencionais e as comerciais”, explica a professora de Jorna-



Maria Aparecida Motta, com seu primeiro livro; e editora Autores Associados



FOTOS: JULIANA LAZARINI

lismo da PUC-Campinas Cyntia Andretta, que já trabalhou nos dois tipos de editora como revisora e hoje se encontra na Autores Associados de Campinas.

As convencionais recebem o original que passará por uma comissão de pareceristas, editores e revisores que vão avaliar diversos aspectos da obra, como conteúdo, pertinência e viabilidade mercadológica de cada título. Se aprovado, o livro segue para a publicação, onde todos os processos são custeados pela editora, incluindo o lançamento.

Segundo Cyntia, a grande

quantidade de autores saturou o mercado, dificultando a publicação nas convencionais. Nas editoras comerciais, os livros não precisam ser analisados; o autor escolhe um pacote que pode incluir desde revisão, editoração até sua publicação.

Maria Aparecida Motta, professora de filosofia é autora de dois livros de poesia: “Aurora da Vida”, voltado para o público infantil, e “Rosas do tempo”, para o público adulto. Ela enviou para uma editora convencional, onde foram aceitos e publicados.

“Livros de poesia, autoaju-

da são gêneros são mais difíceis de serem aceitos devido a restrições no mercado”, completa Cyntia.

A docente explica ainda que a grande quantidade de livros define o cronograma de uma editora. “Um livro demora cerca de um ano e três meses para ser publicado, tempo que inclui avaliação da editora e aspectos gráficos.” Ela ressalta que os dois tipos de mercado possuem muitos autores e a consequência disso é que, em meio a tantos títulos, muitos dos publicados não são bons, pois a maioria não passa por triagem.

Adriano quer escrever livro em Braille

A cada 10 segundos uma nova palavra de amor é datilografada no papel. Essa é uma rotina de três dias até que a carta seja enviada. A máquina de escrever é diferente, tem apenas seis teclas táteis. Seu redator também tem um diferencial, sua maneira de enxergar o

mundo e a paixão por Ana, a noiva com a qual corresponde por cartas.

Adriano de Oliveira possui muitos objetivos em sua vida, um em comum com muitas pessoas: escrever um livro. Como diz o ditado: antes de morrer uma pessoa deve escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho. O filho já está nos planos de Adriano. Quanto à árvore ainda não foi possível devido suas limitações, mas o livro é sua principal meta.

Hoje com 29 anos, ele já se adaptou totalmente à deficiência visual que adquiriu ainda na infância.

maternidade. O método Braille é seu guia há sete anos, e através dele aprendeu a lidar com as dificuldades do dia-a-dia. “Antes eu era um deficiente, hoje sou um cidadão”.

As segundas e quartas-feiras, Adriano espera ansioso no pequeno ponto de ônibus situado a 50 metros de sua casa. Ali encontra conhecidos e faz novas amizades, já que a viagem não é tão curta. Em uma hora de trajeto o jovem de 29 anos deixa sua cidade natal, Pedreira, e chega à cidade onde morou por um ano e meio para aprender Braille, Campinas, onde estuda informática na linguagem tátil.

Nas prateleiras de seu quarto é possível perceber a paixão pela literatura. São cerca de 20 livros e algumas revistas, entre eles, ficção, música, história, livros sobre educação e até uma Bíblia em Braille. Sua preferência, uma revista sobre ícones musicais.

“Após o curso de informática quero me especializar em pedagogia e acho que educação seria o tema ideal para um livro em Braille”.



“Às vezes, a pessoa tem uma boa história, mas não sabe escrever muito bem”

“Planejamento é essencial para quem quer publicar um livro”, destaca Sérgio Vale, da editora Komedí. “Primeiro, o autor deve escolher uma editora que atenda ao perfil de seu livro, mas não deve se privar de mandar cópias a outras editoras. Nunca se sabe, às vezes era aquilo que eles procuravam” diz o diretor. Em editoras comerciais, você vai precisar avaliar a viabilidade do projeto e calcular o custo do livro, já que muitos acabam não vendendo seus exemplares. E o principal: saber o que está fazendo, saber escrever. Mais uma recomendação de Sérgio: participar de concursos literários para avaliar seu modo de escrever.

“A paixão deve ser também seu guia nessa trajetória”, afirma Zito Fabrin, que escreve poesias há mais de 20 anos. A paixão pela literatura o impulsionou a correr atrás desse sonho, custe o que custasse.

A professora de jornalismo Cyntia Andretta não acredita que qualquer pessoa possa escrever um livro de qualidade. “Às vezes a pessoa tem uma boa história, mas não sabe escrever muito bem”. Para contar esse tipo de história, surgem os chamados “ghostwriters”, que são profissionais ligados à literatura e à escrita, como jornalistas, que escrevem para outras pessoas. Mas segundo ela, esse tipo de atitude implica em questões éticas, como quem foi o autor? “Apesar de ser o sonho de muitos, não é qualquer um que deve escrever um livro. Às vezes a pessoa não tem aptidão para escrever agora, mas com o tempo pode adquirir amadurecimento”, avalia a docente.

Para Maria Aparecida, que conseguiu publicar dois livros através de editora convencional, escrever um livro parece fácil na teoria, mas na prática a história se torna outra. Para ela, essa trajetória foi mais fácil devido à fundamentação acadêmica que lhe permitiu o contato com as palavras. “Pessoas que raramente se interessam pela literatura, dificilmente vão conseguir escrever um livro com maturidade”, diz.

CAROLINA MARIALVA e
FABIANE Z. DE PONTES

Chegou a vez do *Little Brother*

O olho que tudo via, criado na ficção de George Orwell, ao qual o autor deu o nome de "Big Brother" (grande irmão), foi substituído pelo "Little Brother" (pequeno irmão), graças ao advento da rede mundial de computadores. Com ela, o poder deixou o centro e se espalhou pelas periferias do sistema. O indivíduo ganhou o poder que permite a qualquer um tornar-se global. Aqui, o coletivo passa a agir como um único elemento dentro da rede, a qual serve para aumentar a capacidade humana de programar suas próprias relações sociais e participar da vida, de tudo e todos, no mundo. Neste novo tempo, qualquer cidadão poderá participar ativamente do jornalismo, produzindo e veiculando notícias. A internet tornou-se um circuito democratizado de comunicação e de interatividade. Essa é a rede na qual todos vão viver e que não pode ser desligada, somente expandida.

O cenário acima foi a leitura que o professor pesquisador na área de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pernambuco, Sílvio Meira, fez do mundo contemporâneo francamente impactado pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Ele participou da gravação de um programa para a série Café Filosófico, uma parceria entre a TV Cultura e a CPFL, na noite de 20 de abril, tendo por tema a pergunta: "Qual o poder do indivíduo na sociedade em rede?". Antes da palestra, esse pesquisador, que participa semanalmente de um quadro sobre redes sociais na CBN-Brasil, concedeu entrevista ao Saiba+, focando a influência das redes nos processos de comunicação e no jornalismo. Partes de seu depoimento e da entrevista concedida estão reproduzidos abaixo.

No Brasil, a rede da web atinge mais gente que as redes de esgoto

Dentro de uma perspectiva de invenção do contemporâneo, da contínua intervenção dos homens em uma espécie de construção coletiva e criativa do tempo e do todo, a sociedade atual se encontra em uma quarta onda de inovações — iniciada por Copérnico, seguida por Darwin e depois Freud. Trata-se da era da sociedade em rede, a qual é habilitada por instrumentos de comunicação, controle e computação, que aumenta a capacidade dos indivíduos de participar da vida e do mundo ao seu redor.

A sociedade está hoje vivendo uma era em que o poder do indivíduo na rede da web é até maior que na rede de esgoto, já que, segundo dados do IBGE, no Brasil, apenas 29% das residências possuem



FOTO: CAROLINA MARIALVA
O pesquisador Sílvio Meira, em gravação do Café Filosófico, em Campinas

tratamento do esgoto, enquanto que 24% das moradias têm internet banda larga, número que tende a crescer nos próximos anos.

Este processo de mudança resulta em um indivíduo não mais na rede, mas em rede. Ele é conectado e é a própria conexão. É ele quem decide como, com quem e a que se conecta. Em resposta à pergunta tema que permeia a discussão, o poder do indivíduo em rede é absoluto. Munido de instrumentos convergentes, que misturam uma série de tecnologias, como o celular, que hoje é também câmera, rádio, tv, gravador e GPS, o indivíduo tem o poder de construir histórias, fazer planos, ser agente e não apenas parte do público alvo de grandes corporações. É possível criar comunidades em todos os lugares, sincronizar e dessincronizar o mundo, localizar e deslocalizá-lo.

O cidadão, que se encontrava na borda, é hoje o objeto central

As redes mudam radicalmente a maneira de nos comunicarmos. O modelo antigo de comunicação se baseia na divulgação da informação que saía do centro para as bordas; um sistema de distribuição onde os editores centrais controlavam os dados recebidos por pessoas e empresas, limitando e filtrando o número de informação distribuída e recebida.

No entanto, este modelo perdeu força com o crescimento das redes. O cidadão, que se encontrava na borda

do processo, agora é objeto central do sistema de comunicação. O indivíduo se tornou agente das próprias interações informacionais e não depende mais de um editor central, uma vez que o número de oportunidades de se ter acesso às ferramentas da internet é infinito enquanto que um canal de televisão, por exemplo, é direcional. A explosão das redes sociais está ligada ao fato de as pessoas terem o que dizer e informar. Deste modo, qualquer um vira repórter.

O jornalismo não vai acabar, o que está a se desenrolar é o fim do centro como fonte original do que a população recebe como novidade e informação. Há cada vez menos espaço para o jornalismo factual, o que abre espaço para um viés mais interpretativo e investigativo desta atividade. O centro, o jornalismo e o jornalista devem reaprender seu papel, que no futuro não será dizer qual foi a notícia, mas o que está por trás dela.

É como o ex-presidiário, que tenta se recolocar na sociedade

Ao colocar pensamentos, imagens e notícias na rede, o indivíduo deve tomar cuidado, primeiro, com a veracidade, e depois com as consequências da exposição no meio digital. A partir do momento em que as pessoas se tornam alfabetizadas em rede, começam a criar bom senso, evitando o início de boatos, e desenvolvem a capacidade de discernir entre o real e o duvidoso.

Passam a checar a informação recebida antes de retransmiti-la. Mesmo assim, a responsabilidade ainda é muito grande ao fazer isto.

O outro cuidado que o indivíduo precisa tomar é com o que é disponibilizado na rede: intimidades, fotos, despesas e dados pessoais, entre outros elementos que favorecem uma demasiada exposição do sujeito, uma vez que não tenha a noção da capacidade de armazenamento da internet.

Segundo uma tese de Viktor M. Schönberger, da Universidade de Harvard, as gerações humanas são baseadas no esquecimento, mas a partir do momento em que o indivíduo coloca algo na internet, esse algo tem a propriedade de ficar arquivado lá para sempre. Isso contamina de forma definitiva a própria noção de humanidade. É como o ex-presidiário que tenta se recolocar na sociedade: ele será sempre rotulado como tal; o sistema não o esquece. Da mesma forma, se a pessoa coloca uma foto na rede, mesmo que a apague, ela estará lá eternamente.

Pode acontecer de alguém ser flagrado em uma situação íntima

Em contraposição ao já conhecido sistema "Big Brother", em que o centro fiscaliza e controla todas as camadas da população, o que surge hoje é o "Little Brother". Neste novo modelo, a sociedade como um todo passa a ser transparente: todo mundo vê todo mundo, e todos vêem o centro. Ao invés de isolamento,

há agora conectividade.

No entanto, esta transparência tem dois lados: enquanto contribui para a fiscalização do governo pelo povo, gera um problema de privacidade para os sujeitos. Mesmo que permita que o povo controle e tire satisfações daqueles que estão no poder, pode acontecer de alguém ser flagrado em uma situação íntima e encontrar-se, de repente, em uma posição delicada na rede, tendo de prestar contas à sociedade, devido a algo que fez em um momento de privacidade.

Outro aspecto positivo que a imersão do indivíduo na rede possibilitou foi o fortalecimento e maior alcance dos agrupamentos tradicionais, como sindicatos e organizações, já que eles puderam usufruir da rede para a divulgação de suas idéias e filiação de novos membros.

Os que mais se aproveitam disto são os partidos políticos, que estão vivendo intensamente em rede com as proximidades das eleições. Os principais candidatos à Presidência do Brasil, por exemplo, já aderiram ao Twitter.

No que se refere à educação, ela irá mudar radicalmente. Se forem oferecidas oportunidades de aprendizagem em rede, ela irá melhorar muito. Para o professor, as aulas online, se tornam inevitáveis neste novo modelo de organização social, tanto que muitos cursos superiores já se utilizam desta estratégia simples e útil de ensino.

Deveríamos participar como cidadãos de primeira classe

Nós devemos olhar a rede sob uma nova ótica, que seria todos participando deste ambiente como cidadãos ideais, de primeira classe, os quais devem conquistar isso de forma dinâmica, para conseguir controlar suas próprias vidas em rede; senão, graves problemas irão surgir. Em um mundo de rede mutante, darwiniano, o sobrevivente não é o mais forte, mas o melhor adaptado ao ambiente. Isso envolverá uma nova forma de perceber o mundo, este não mais como um local, mas como um universo a partir do local, onde todos terão o que dizer sobre todas as coisas. O mundo como um todo é sustentado se todos nós conseguirmos nos adaptar mutuamente às situações de contorno que essa complexa ecologia da rede nos oferece.

LEONARDO CASSANO

Entre os amantes das artes cênicas, é lugar comum a expressão “eu moro no teatro”, usada para descrever as pessoas que frequentemente assistem encenações artísticas. Mas poucos podem usar a expressão ao pé da letra, como faz Madalena Neves. Do alto de seus 71 anos, há 26 sua carteira de trabalho tem carimbado como empregador o Teatro de Arte e Ofício (TAO) de Campinas, localizado no bairro Vila Nova, onde é encarregada por manter a limpeza do palco de 110 metros quadrados, três camarins, depósitos para cenário, dois sanitários, saguão de entrada, área técnica e 180 poltronas.

Além de limpar, Madá, como prefere ser chamada, também atende aos telefonemas fora do horário comercial; por vezes, faz as honras da casa, apresentando o espaço para possíveis contratantes; assim como, no final do dia, apaga as luzes e verifica se todas as portas estão fechadas, para que, finalmente, consiga ter um sono tranqüilo. Quem pensa que, após a jornada de trabalho, ela volta para casa, como milhares de campineiros, usando o transporte público, está enganado. Apenas alguns tijolos sobrepostos ao cimento separam a casa de espetáculo, com sua magia e histórias, da residência de sua fiel zeladora.

A proximidade entre os dois imóveis é tanta, que o teatro se confunde com sua casa. “Na verdade, não é uma casa dentro do teatro, mas o teatro dentro da minha casa, já que moro aqui antes da chegada do teatro”, avisa Madalena aos que lhe procuram para conhecer o seu cotidiano.

Madalena conta que chegou ao imóvel pelos idos anos 60, na escondida e sem saída Rua Conselheiro Antonio Prado, próximo da movimentada Avenida Brasil. A rua ainda preserva ares de antigamente, com garotos brincando de bola, meninas pulando corda e ambos empinando pipa.

“...não é uma casa dentro do teatro, mas o teatro dentro da minha casa”

Amante das flores, a hoje zeladora do teatro tentou, na época, unir o útil ao agradável: montou uma floricultura em sua própria casa, garantindo desta forma o sustento do lar, habitado por Madalena, o marido e duas filhas, sendo que todos ajudavam no comércio. Sua vida começou a tomar um novo rumo em 1984, quando um grupo de jovens artistas campineiros procurava um espaço para montar o que é hoje o Teatro de Arte e Ofício. Entre estes artistas estavam Tereza Aguiar, diretora teatral e fundadora do primeiro grupo profissional de teatro do interior de São Paulo, o Rotunda; e a produtora artística Ariane Porto, atualmente as únicas sócias do empreendimento cultural.

Para que o acordo entre a Prefeitura e o TAO tivesse início, foi necessária uma autorização formal de Madalena, para que a execução das saídas de emergência do palco pudessem ser localizadas no muro de seu quintal. Acordo feito, o vínculo com o espaço cultural teve início.

Entre 1984, data da inauguração do TAO, e 1989, a então florista apenas ajudava esporadicamente, seja atendendo ligações ou limpando todo o ambiente quando solicitado.

O teatro mora ao lado

Limpando, organizando, recepcionando e morando, Madalena Neves é a faz-tudo do Teatro de Arte e Ofício (TAO) de Campinas



FOTO: R. MIKELLI LACIS

Madalena, na saída de emergência do teatro, que dá acesso à sua casa

Em 1990, a atriz Malu Lopes, uma das sócias na época, teve a idéia de chamar Madalena para ser oficialmente a “faz-tudo” do espaço. Além de reunir atributos como confiança, disposição e boa vontade para o trabalho, os quais foram atestados pelos sócios nos “bicos” que fez por quase cinco anos, ela morava literalmente ao lado do teatro. Feita a primeira proposta, no início se esquivou, pois não queria deixar suas flores. Meses depois, após muita insistência – até de sua família – sucumbiu à idéia. Deste início até hoje, já se passaram 26 anos ininterruptos.

Viúva, duas filhas e com orgulho expresso no sorriso de orelha a orelha quando fala das duas netas que cresceram em um ambiente que respira cultura (hoje são atrizes), histórias não faltam. Madalena menciona que, quando algo de ruim acontece na estrutura do lugar, seja uma infiltração, uma poltrona quebrada ou a caixa d’água do camarim apresentando problemas, isso a deixa tão triste, que imagina ficar mais preocupada e chateada do que as próprias donas. O oposto também acontece: “Quando o teatro está lotado, cheio de vida, quando ouço de minha casa os aplausos no fim de uma apresentação, fico em uma felicidade que só vendo”.

Após conhecer, conviver e fazer amizades com atores, atrizes e diretores teatrais, que já duram anos, afirma que este contato é sua maior alegria, pois “são pessoas boas, generosas, com uma cultura diferenciada, astral lá em cima”.

E completa: “Posso afirmar com convicção: perto deles, não consigo sentir tristeza, mesmo nos momentos mais difíceis”.

“...em cada cantinho, vemos a marca de suas mãos”

Um desses momentos difíceis aconteceu há mais de uma década. Em 1998, seu marido estava internado em estado grave, permanecendo três meses no hospital. A família toda ia visitá-lo diariamente, usando o ônibus como meio de transporte. Em dado momento, os gastos com medicamentos aumentaram substancialmente, resultando na diminuição das visitas ao marido internado. A tarifa do ônibus para a família toda pesava demasiadamente no orçamento doméstico. Alguém fez chegar o problema aos ouvidos de Ariane Porto e Tereza Aguiar – as sócias do TAO – que vieram especialmente de São Paulo, no mesmo dia em que receberam a notícia, apenas para dar dinheiro do táxi a Madalena, custeando assim as visitas ao hospital a partir daquele dia.

“Qual patroa faria isso para um empregado? Tenho Tereza e Ariane como irmãs, conselheiras. Tenho uma admiração enorme por elas e sou muito grata por tudo”, diz, não disfarçando a emoção.

Um assunto que a deixa extremamente animada são as netas, Veridiana, de 22 anos, e Bárbara, de 15. Elas também moram na mesma casa e, por conta do estreito relacionamento com o teatro, naturalmente o gosto pela arte foi aguçado e se tornaram atrizes. Ambas fazem parte da Companhia de Teatro “Galhofas e Dramas”, cujo foco é o público infantil. Bárbara atualmente protagoniza os espetáculos “Branca de Neve e os Sete Anões” e “Chapeuzinho Vermelho”. Veridiana, após ter concluído a faculdade, não vê a hora de voltar aos palcos. Para ela, Madá é um exemplo de vida: “Faltam palavras para definir minha avó. Tenho um orgulho tremendo de tudo que ela já fez por mim, pela nossa família e, claro, ao TAO, onde em cada cantinho vemos uma marca de suas mãos”.

“A responsável por tudo aqui é ela”, apontando Madalena”

Nesses 26 anos de história, a cozinha de Madalena já foi visitada por artistas como Paulo Autran, um dos imortais do teatro brasileiro, falecido em 2007. Autran não só deu um pulo na casa de Madá após uma apresentação, como provou o bolo de fubá, sempre oferecido aos que a visitam. Regina Duarte – a eterna namoradina do Brasil – tomou um cafezinho e comeu biscoitos de manteiga. Entre tantos outros, como os atores da TV Globo José de Abreu, Gracindo Junior, Lima Duarte – o eterno Sinhozinho Malta – e Ney Latorraca, que estiveram com assiduidade no TAO durante os ensaios para o longa-metragem “Topografia de um Desnudo”, dirigido por Tereza Aguiar e intermediado pela TAO Produções, braço cinematográfico da empresa.

Nessa época de ensaios, Ney se encantou pela limpeza impecável e o cuidado com que a casa de espetáculos é tratada, tanto que foi até Tereza Aguiar para elogiar a organização. Ela respondeu: “Não é a mim que você deve tecer elogios. A responsável por tudo aqui é ela”, apontando Madalena.

Após relembra esta história com Ney Latorraca, Madá foi até o quarto trazendo consigo uma caixinha de aliança. Nas palavras que seguem, tentou resumir o dia 25 de outubro de 2009, para ela, o momento mais marcante em tantos anos de trabalho:

“Ano passado o TAO comemorou 25 anos com uma grande festa no teatro. Estava acompanhando tudo da última fileira, quando, de repente, Tereza (Aguiar) anunciou uma surpresa. No final das palavras mais bonitas que já ouvi, lembrando tudo que já fiz pelo teatro, me chamaram no palco. Lembro que a platéia lotada me aplaudia e, quando subi, recebi este anel de ouro e um abraço bem apertado.

Quando olho pra trás, vejo que a trajetória foi difícil, mas o resultado compensou e muito”, finaliza, fechando a caixinha de aliança e o baú, com boa parte das histórias de sua vida.



Os atores Sheila Faermann e Fernando Negrovisk na gravação do filme "Evaporar", de Anderson Antunes e Igor Capelatto, em Barão Geraldo

A claquete dos independentes

Um trabalha em bar, o outro é servidor e o terceiro ainda é estudante... Eles se aventuram no cinema

CAMILA DALLA COSTA

Num plano mais aberto, o que se vê é um bairro de terra batida e de casinhas bem cuidadas em Barão Geraldo. Um cenário perfeito. Mas na sequência, em close, é possível observar que, dentro daquele cenário, o cinema tem sua morada. A Villa D'arte é a produtora de Igor Capelatto, 30, que fica dentro de sua própria casa. É lá que ele ministra oficinas de roteiro, direção e filmagem. E é lá também que produz seu próprio cinema, que faz questão de deixar claro: não precisa necessariamente ser feito em película, como se costuma pensar.

"Quando falamos em produção independente de cinema, falamos de um conceito que envolve duas linguagens: a analógica e a digital. Por isso, a ideia de que só se produz cinema de verdade com película está desgastada", já vai avisando. Há dois anos, as salas da produtora estão dentro de casa. Antes, o publicitário de formação e cineasta por vocação dava oficinas de cinema em escolas de arte em Campinas. Hoje, além de dar aulas na Villa D'arte, Igor é aluno regular da pós-graduação em Mídias na Unicamp. Foi lá que conheceu Anderson Antunes, 25, um publicitário de Campo Grande que veio para Campinas estudar cinema.

Aluno ouvinte na pós-graduação, Anderson diz que o curso foi fundamental para entrar no cenário da produção independente de Campinas, além de ser o ponto de partida para várias produções em par-



Thiago Alves e Guilherme Bertin: roteiro de terror

Cinema na Praça

A Praça do Coco, em Barão Geraldo, oferece espaço para a produção artística regional se mostrar. Por meio da iniciativa do comerciante Wagner dos Santos, toda segunda-feira do mês, às

19h, são exibidos longas e curta-metragens ao ar livre. Para indicar a exibição de vídeos independentes, mande um e-mail para wagner.bike@hotmail.com ou acesse: www.pracadococo.com.br

ceria com Igor. "É um canal para juntar gente interessada em cinema, o que ajuda na hora de formar a equipe técnica para os filmes", diz.

Assim como Capelatto e Anderson, os jovens Thiago Alves de Lima, 20, e Guilherme Bertin Dias, 21, também estão na cena independente da região. Ambos são de Sumaré e começaram a trabalhar juntos de forma genuinamente amadora: era uma questão de necessidade. Thiago precisava de um ator para fechar o elenco do seu primeiro curta-metragem, 'Rendez Vous'. Foi então que se lembrou de uma peça de teatro em que Guilherme atuava. Sem o conhecer, tele-

fonou para ele convidando-o para as gravações que começavam na manhã seguinte.

Guilherme conta que sempre quis trabalhar de forma independente. Prova disso foi que, aos 18 anos, montou um cineclub com um amigo de Sumaré. Por falta de espaço, vieram para o MIS (Museu da Imagem e do Som) de Campinas realizar o projeto.

MÃOS NA MASSA!

Como se começa uma produção independente? O primeiro passo é ter o roteiro em mãos. A próxima etapa é a formação da equipe técnica. "Geralmente trabalhamos

com uma equipe reduzida, de 3 a 4 pessoas", conta Capelatto, que está produzindo um longa chamado 'L'aspirine' e uma curta, 'Evaporar', em parceria com Anderson.

"Como estamos em poucos, dá para ir fazendo uma pré-edição ao longo das gravações, o que facilita a comunicação com os atores e nos dá mais controle do que está ou não funcionando", conclui Capelatto, que edita e finaliza os trabalhos na própria produtora.

No processo de produção, a colaboração é fundamental. Thiago Lima, que está produzindo seu primeiro longa-metragem, encarou o desafio de correr atrás de patrocínio. "O que a gente consegue nem chega a ser um patrocínio porque não entra dinheiro. Contamos apenas com o apoio de pessoas ou instituições que nos ajudam com figurino, cenário e locações".

Igor também não conta com patrocinadores. "A equipe se ajuda. Cada um contribuindo com uma coisa, acabamos economizando recursos", conta ele. No caso das produções de Igor e Anderson, as locações são em Barão Geraldo, onde moram.

DIVULGAÇÃO E INTERNET

Em Campinas, são poucos os lugares em que os independentes da região encontram espaço para veicular seus trabalhos. O problema se agravou com o encerramento das atividades do Cine Paradiso. "Lá, antes de algumas sessões, eles abriam espaço para passarmos nossos curtas. O que temos agora são festivais realizados por iniciativas particulares, como a Casa do Lago, o MIS e pequenas mostras independentes", afirma Capelatto.

João Paulo Miranda, um dos organizadores do FIIK, Festival Internacional de Cinema Independente Kino-Olho, que ocorre anualmente em Rio Claro, ficou em 1º lugar na competição mundial da rede CNN com o filme-ensaio 'Girl and a Gun'. "Foi um evento muito democrático, que abriu as portas para produtores de baixo orçamento competirem

com gente renomada".

Apesar do destaque conquistado pela competição internacional, Miranda é crítico quanto à imagem 'salvadora' dos festivais. "O nosso melhor público está na internet, em sites como Youtube e Vimeo".

Exemplo desse paradoxo que envolve as mostras de cinema é o Festival de Paulínia. Thiago Alves – que está fazendo uma oficina na cidade, mas que não tem relação com a escola Magia do Cinema – crítica o mito que se criou em torno deste polo regional. "Paulínia, infelizmente, tem uma cultura elitizada. O próprio festival, o ponto máximo das produções, dificilmente abre espaço para os independentes."

Assim como Miranda, Igor aposta na internet: "Usamos o Orkut para descobrir atores e o Youtube para divulgar trailers e teasers dos curtas que produzimos".

VIVER DE CINEMA

Nesse meio independente, é possível sobreviver de diversas maneiras. Thiago Alves trabalha na Secretaria da Cultura de Sumaré e se debruça sobre suas produções aos finais de semana e horas livres. No próximo ano, pretende prestar vestibular para cinema. Seu colega Guilherme Bertin estuda artes cênicas no Conservatório Carlos Gomes, em Campinas.

Ganhar dinheiro é difícil, mas acontece quando o trabalho em grupo é levado a sério. "Quando um filme vai pra festival ou ganha prêmio, a divisão de lucro é igual entre os membros que participaram e investiram no projeto", diz Igor Capelatto, que além das aulas na produtora, presta serviço de edição de vídeo enquanto produz e edita suas parcerias com Anderson, barman em barzinhos de Barão Geraldo.

"Não tem folga, quando finalizo uma produção, já começo a pensar no roteiro da próxima. É um ciclo sem fim", brinca Igor, que afirma sobreviver de cinema por meio dos curtas e das oficinas que ministra.

Capelatto, que montou produtora em casa	Para ver no Youtube				
		<i>Rendez Vous</i>	<i>Girl and a Gun</i>	<i>O Inverno</i>	<i>Girafe En Feu</i>
	Autores	T. Alves G. Bertin	J.P. Miranda	Capelatto A. Antunes	Capelatto C. Lopes
	Gênero	Drama romance	Filme- ensaio	Trailer	Trailer
	Duração	8min	2min20seg	35 seg	52 seg